

Índios lutam contra Apoena e a descentralização da Funai

EUGÊNIO NOVAES



O vice-cacique Nailton Muniz Andrade vê ministro protegendo Apoena

Raoni, o cacique Tchucarramãe, não aguentou a solidão de Brasília e voltou para o Xingu. Ele foi em companhia de mais 18 índios da sua aldeia. Segundo explicação do índio Wai-Wai, chefe de ponto da tribo Tchucarramãe, "antes de viajar ele se reuniu com as demais lideranças indígenas que estão aqui lutando pela demissão de Apoena Meirelles e contra a descentralização da Funai". Ele comunicou seus colegas que ia a aldeia resolver alguns problemas. Wai-Wai justifica a viagem de Raoni, afirmando que "ele ficou muito cansado e com saudades da família, que não aguenta ficar muito tempo na cidade".

Índios querem que o presidente Sarney tome posição para resolver o problema

Wai-Wai diz que "o chefe de vigilância na aldeia passou um rádio, informando que um branco apareceu na aldeia", mas, ao primeiro contato este correu. "Não houve violência, mas ele matou o cachorro dos índios", frisou. De um modo geral - continua - nós não estamos tendo atrito com os brancos. Nossa reserva está demarcada. Diz também que o problema mais sério é quanto a estrada BR-80 - que passa bem no meio das suas terras. "Nós queremos acabar com essa estrada. O índio pega muita doença do branco, através desse contato dos brancos que vão e vêm. Este ano vamos reunir a comunidade para acabar com essa estrada", ressalta Wai-Wai.

TESTA-DE-FERRO

Segundo Nailton Muniz Andrade, vice-cacique pataxó Hãe-Hãe-Hãe, da Bahia, "estamos todos unidos no sentido de que a Funai permaneça em Brasília e pela demissão do Apoena Meirelles da Funai". Esclarece, ainda, que o ministro Costa Couto, do Interior, "não está querendo demitir o -poena porque ele é o testa-de-ferro ideal para fazer o que o ministro quer. O Costa Couto não quis atender o pedido das lideranças e das comunidades indígenas, para não fortalecer os índios". De acordo com Nailton, "o ministro do Interior está se mantendo firme para não demitir o

Apoena, só esperando que este cumpra o papel de descentralizar a Funai. A partir daí, ele seria dispensável", raciocina o vice-cacique.

Para Nailton Andrade, "nós não deixaremos de vir a Brasília para resolver os nossos problemas. A intenção deles é acabar com a sede da Funai em Brasília e deixar que o Estado tome conta do índio". O líder pataxó ressalta que não vão admitir isso, porque o Estado é quem rouba as terras das comunidades indígenas. O Antonio Carlos Magalhães é o responsável por todos os problemas que nós estamos passando, explica dizendo que "a situação chegou a um ponto em que a Funai não consegue resolver os problemas dos Pataxós na Bahia, porque o Antonio Carlos interfere e atrapalha tudo".

MOLECAGEM

O líder pataxó declara, ainda, que Apoena assumiu um compromisso com os índios pataxós a de resolver os problemas das terras indígenas na Bahia, através de uma negociação com o ministro Antonio Carlos Magalhães. "Mas ele desapareceu da Funai e nos deixou na mão. Isso não é papel do presidente da Funai, isso é molecagem com os índios", declara Nailton.

As comunidades indígenas querem que o Presidente da República tome uma posição resolvendo o problema, "para evitar que nós fiquemos aqui nos desgastando em Brasília e para tirar os índios do sofrimento" desabafa. "Tem muito índio inocente sofrendo. Muita criança, muito velho sofrendo injustamente. Nós que somos lideranças, ficamos muito preocupados com isso", afirma o líder.

SUBORNO

Continuando, Nailton Andrade afirma: "nós esperávamos que a Nova República viesse para ajudar os índios a resolverem os seus problemas. Mas o que está acontecendo é que nós estamos sendo tratados como bichos. A Nova República está botando cachorro para morder os índios", critica.

O deputado Juruna denuncia que Apoena pegou três bilhões de cruzeiros e levou a área Xavante para comprar o apoio deles. Denuncia, também, comprou 50 revólveres calibre 38 e os levou para serem distribuídos entre os Xavantes, ressalta Nailton Andrade. "Talvez seja por causa disso que os Xavantes não entraram na nossa luta. Mesmo assim, têm de 40 a 50 xavantes que estão nos apoiando", afirma ele.